

Mostração Portuguesa



MUNIER



Meio seculo de successo
ESTOMAGO
 O Elixir do Dr Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS,
 A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart. Paris

RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil occupando todo o quartelão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares.

220 QUARTOS

Magnificas accommodações, salões para vistas, leitura e banquetes. Diaria de 95000 reis para cima. Telephone 2873. Ender. telegraphico *Avenida*.

SOUZA, CABRAL & C.^a
AVENIDA CENTRAL, 152 a 162

Ponto de todos os bonds

Anexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da Capital com magnificas accommodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

PARA ENCADEARNAR A

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicios respectivos.

Administração do SECULO
LISBOA



LOCAO DE QUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
 Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o interbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo
L. DEQUEANT Pharmaceutico 38, Rue Clignancourt, Paris
 Fm LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as indicações gratificadas.
 VENDA EM TODAS AS BONS CASAS DO PORTUGAL.

NOUVEAU PARFUM
PRINCEIA VIOLET
 29, Bd des Italiens, PARIS

Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma *Limosine*, uma *Landaulette* e um *double phaeton* em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na *Casa Simplex*, *Bicycletes*, *Discos* e *machinas fallantes de J. Castello Branco*.

O que ha de melhor em *bicyclette* inglesas desde 25000 rs. com todos os pertences. *Accessorios* baratissimos. *Discos* com *assumptos* politicos e ultima novidade. *Machinas fallantes* de mais modernas desde 68000 réis.

Rua do Socorro, 23-a. Rua de Santo António, 24. Telephone 2975

COKE INGLEZ PARA COSINHA

O MAIS ECONOMICO

R. Conceição, 17, 2.
LISBOA
 Telephone 1738

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, *Mariania* e *Sobreirinho (Thomar)*, *Penedo* e *Casal d'Hermio (Lonzã)*, *Valle Maior (Albergaria-a-Velha)*. Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papeis aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos*.

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270
FORTO—49, Rua de Passos Manuel, 5
 Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
 Numero telephonico: **Lisboa, 605—Porto, 11**

CAPITAL	
Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização...	266.400\$000
Reis	950.310\$000

A PRAGA DAS AGUAS

As aguas do Tejo tão impetuosas n'esta epoca das chuvas tambem inundaram os campos das suas margens como fez o Douro nas suas orlas ferteis. Durante uns dias estiveram alagadas as planices ribatejanas, as casas miravam-se nos grandes lençoes d'agua que afoavam as arvores, arrastavam os animaes, derruiam vedações, esboroavam muros como succedeu na Barquinha e em Tancos, sobretudo no sitio d'Arrepiados.

A desolação era geral, as perdas immen-



1—Um trecho de paisagem ribatejana durante a última-cheia 2—A villa do Arrepiado (Tancos) ameaçada pelas aguas 3—A cheia do Tejo na Barquinha
(Clichés do sr. Pedro Paulo de Mello)



1—Depois da cheia do Douro.
Aspecto do caes da Ribeira.

ainda assim tanta formosura,
tão extranha belleza que con-
seguem deter as vistas mes-
mo após os males causados.

E' o que se mostra nas
photographias que publica-
mos e algumas das
quaes teem a extranha
belleza de quadros de
mestre.



2—O mar na barra do Porto
3—Outro aspecto do mar
na barra do Porto

4—O caes de Villa Nova de Gaya
inundado
(Clichés de Pereira Cardoso)

sas, mas as aguas com a
sua força tremenda, com os
seus impetos horribes teem



INFLUENCIA DA REPUBLICA NO THEATRO

O NOVENTA E TRES NO THEATRO GARRETT

Victor Hugo quando escreveu o grande romance «93» cheio de figuras épicas como todas as suas, mostrou esse duello formidavel de toda a França republicana batendo-se contra a Vendéa fanatica por Deus e pelo rei. Era a reacção contra uma provincia; o civismo contra a religião, o futuro contra o passado, almas que se conservaram na fé dos velhos

symbolos, outras que despontavam para os novos ideaes, defendidos ardentemente, uns e outros, n'uma guerra sem treguas. E as personagens tem os caracteres dos ideaes que defendem, Lantenac, o realista impiedoso, Cimourdin, o republicano estoico, Gauvain, o verdadeiro revolucionario, no fim de tudo, arrojado na pe'leja, bondoso para os vencidos, a ponto do seu



1—O panno talão pintado expressamente para o «Noventa e Tres» e que representa a apologia de Victor Hugo 2—O assalto do castello no sexto quadro da peça 3—Uma scena do quinto quadro



proprio sacrificio. Com a base d'esse romance tão cheio de colorido, onde ha perfis enternecedores de mulheres e de creanças, conscienciosos soldados e politicos devorados de ambições, em cujas paginas os proprios Danton, Robespierre e Marat, apparecem a devorar-se, fez Victor Hugo com Paul Meurice a peça que sem ter conseguido exito igual ao do livro foi representada com successo em Paris nos primeiros annos da terceira republica, quando era necessario ainda despertar esses grandes sentimentos de civismo que só se consolidam quando as revoluções começam a fructificar e desaparece o facciosismo das seitas politicas. O theatro Nacional Almeida Garrett, n'esta aurora da republica portugueza, pôz em scena a extranha peça dramatica adaptada pelo illustre dramaturgo Augusto de Castro, d'uma maneira verdadeiramente correcta e o publico, vibrou com a impressão sahida d'aquellas scenas violentas em que decorre todo o drama revolucionario tão cheio de dôres, de sacrificios, de desespero marcando a epoca inicial da liberdade moderna.



1—O incendio no 1.º quadro da peça
 2—O cafe revolucionario: A' esquerda o actor Carlos Santos (Robespierre), sentado Ignacio (Marat), Augusto de Mello (Cimourdin) e Raposo (Danton)
 (Clieüs de Benolle)

LA POR FÓRA

O homem mais pequeno e o maior do mundo estão actualmente na Passage Panoptibum de Berlim exhibido-se ao publico que admira esse contraste estranho de estaturas. O gigante chama-se Joseph Dussare, é francez, tem 26 annos e mede dois metros e oitenta e tres centimetros; o anão, conhecido pelo Príncipe Atomo, tem 20 annos e a sua altura é apenas de setenta centimetros.



UM CASAL DE DRAMATURGOS.—O renascimento theatral nos Estados Unidos está produzindo, de ha annos para esta parte, obras que a critica europea classificou já de notaveis. Entre os novos dramaturgos americanos sobresaem Margeret Haye e Edgar Selwyn, de que damos os retratos. Pertencem-lhe os maiores successos da temporada: a farça *Baby Nive* e a comedia *The Country Boy*.



1—O homem maior do mundo 2—O maior gigante com o homem mais pequeno do mundo.
(Glicês Bellin) 3—Um casal de dramaturgos. (Gliche de Paul Thompson)

A bandeira republicana é solennemente hasteada no quartel da 6.ª companhia da antiga guarda municipal



A implantação da republica creou uma maior solidariedade entre officiaes e soldados, ligados pelas mesmas ideas, contribuindo uns para que desapareçam os velhos excessos de disciplina, sendo outros da maior dedicação. Em todos os regimentos se nota o mesmo e isso foi cabalmente demonstrado com a inauguração do retrato do commandante da 6.ª companhia, da Guarda Republicana, sr. capitão Santos, n'uma das salas do quartel de Alcântara, no dia 18 de dezembro, em que se içou na fachada do edificio a bandeira que substituiu a ali collocada após a proclamação da republica.



1—Um sargento conduzindo a bandeira que vai ser arvorada. 2—O hastear da mesma bandeira. 3—o general Encarnação Ribeiro, commandante da guarda republicana, passando revista aos soldados (Cliche Benolle)

O sr. ministro da justiça visita os conventos de Lisboa



O sr. ministro da justiça tem continuado as suas visitas aos antigos conventos e casas religiosas com o fim de vêr quaes as melhores applicações a dar a esses edificios depois das indispensaveis reformas porque teem de passar.

Ultimamente visitou, além da casa dos jesuitas do Barro, os recolhimentos de Arroyos e do Sacramento,



indo tambem aos conventos da Graça e do Bom Pastor que não poudo vêr por estarem ainda sellados. Na maior parte d'estas casas serão installadas escolas officiaes e institutos de beneficencia, o que será feito depois de consultadas as juntas parochiaes que bem conhecem as necessidades das freguezias.

- 1—A visita aos conventos de Arroyos
- 2—Outro aspecto da visita ao convento de Arroyos
- 3—Visita ao convento do Sacramento
- 4—() convento do Bom Pastor



AS MAIS LINDAS ACTRIZES AMERICANAS.

Os americanos teem uma psychologia muito differente do resto da humanidade. São os homens praticos na sua terra, os phantasiastas nas outras e as suas phantasias realisam-se á custa de milhões. Pois o americano no theatro parece que viaja... adora a phantasia e d'ahi o serem as suas actrizes creaturas que não enrugam o rosto nas scenas violentas porque o theatro americano é feito de bom humor, de riso discreto para uma certa classe, de franca gargalhada para outra.

A tragedia na scena amargura a vida já de si tão cheia de preoccupações mesmo para os millionarios receiosos, de perderem os seus cognomes de reis do aço, do petroleo, do ouro, dos caminhos de ferro.



1—A actriz Gertrudes des Roches na peça a «Primeira Elegante». 2—Miss Lenore Halstead na peça «O homem das cautelas».

3—Miss Lenore Woad na peça «O casamento é um erro?»



1—Miss Virginia Marshall
2—Miss Vida Whitmore, na peça
«Vagabundagem em Broadway»

Todavia quando é a Marlow, a grande tragica nacional, que interpreta Shakespeare não deixa de haver espectadores no seu theatro. Transige-se um pouco por ella; encontra-se no fundo atavico da raça a corda da tragedia, ouve-se attentamente, convida-se até a actriz, após algum retumbante successo, para as festas nos grandes palacios e paga-se a peso d'ouro uma scena que presente diante d'uma assembléa de reis da industria e de principes da velha Europa, seus genros ou seus cunhados, tão seus parentes como dos dynastas.

A alma do theatro americano está na leveza que gera o sorriso, que o faz afluir espontaneamente aos labios, deliciando como a contemplação das lindas mulheres, das formosas actrizes que são a O'Ramey, a Wood, a des Roches, a Clayton, bellezas todas diversas mas d'um raro encanto que tornam o theatro n'um agradável e honesto prazer

Por cousa alguma do mundo o americano toleraria na sua scena a mulher desnudada, as transparencias da *gase*, as levezas do *maillot*: não consentiria um dito dubio, uma vaga allusão menos correcta sahida de seus labios, porque isso seria contra o princi-



3—Miss Dorothy Bertrand, na peça
«Antiga Cidade»



1—Miss Adele Ritchie, do Vaudeville

pio fundamental da moral! na família



2—Miss Mabel Beck, na peça «Loucuras de 1910»

3—Miss Eva Francis, na «Joven americana»



Esses millionários que frequentam alegremente os mais extravagantes theatros de Paris onde de noite para noite são mais caprichosos os cartazes e mais perturbadoras as canções, que não hesitam em ceiar com a Yvette e em lhe offererem joias, não deixariam que essa *estrella do boulevard* se mostrasse sequer um momento com o seu osado repertorio n'um palco da livre America. Não fariam uma lei para a deter; declarar-se-hiam em *grève* para com o theatro como succedeu quando a Duse procurou representar, n'um dos grandes dramas do adulterio.

Nas fachadas de todos os lindos theatros do paiz do ouro podia escrever-se: Honestidade. E' a formula, a base, o fim.

Por isso as atrizes americanas, soberbas mulheres, lindas quasi todas, não tem o ar picante, o desembara-

ço, a maneira de ser da maioria das suas congeneres europeas. Jámais dos seus labios, diante d'um publi-



1—Miss Edith Mac Bride,
na peça
«Signal da Rosa»

2—Miss Eva Macdonald,
na peça «Sete Dias»



3—A actriz Miss Fanny Hudson



4—Miss Elinor Kershaw,
na peça
«Dizes Isso á Emilia»

co sahiriam phrases que não pudessem ser escutadas e que uma bocca feminina pronuncia sempre contrafeita.

Os seus trajos são d'um grande rigor da moda; os espectadores tratam-nas com uma bella admiração respeitosa, a que de resto correspondem pela sua propria vida particular.

Vivem no seu lar, no meio do seu luxo, algumas gosando fortunas espantosas mas sem alardes, sem dar nas vistas, com a mesma discreta fórma dos seus sorrisos, levando de dia a existencia da familia, representando ás noites as peças de situações ingenuas e de fins moaes que geram apenas o riso complacente e não privam as mais puras senhoras d'entrar n'uma sala de espectaculos

O theatro na America é na generalidade um pretexto para se passarem as horas agradavelmente, fazendo uma boa digestão, sentado



1—Miss Marie Pendleton, na peça «Rapirigas»

2—Miss Josephine Lovett, na peça «Um homem e um homem»

de ir para o leito sonhar com horrores. E a actriz é digna do seu theatro: bella e simples.



3—Miss Julia Sanderson, na peça «Arcadia»

o espectador n'uma excelente cadeira, sem dar ao cerebro o trabalho de descortinar complexas psychologias, de estremecer com cousas tetricas,



O MYSTERIO DO "HOMEM" DO COPO DE VINHO" , , , ,

A admirável monographia que José de Figueiredo dedicou á obra do pintor Nuno Gonçalves e que teve nos meios artisticos estrangeiros uma repercussão merecida, acaba de inspirar no socio do Instituto de França, S. Reinach, uma communicacão lida á Academia das Inscripções sobre o mysterioso retrato adquirido pelo Museu do Louvre e conhecido sob a denominação de «L'Homme au verre de vin». Como se verá, o notavel critico de arte attribue a famosa pintura ao pintor portuguez do seculo XV, e appoia essa presumpção nas revelações contidas no estudo magistral de José de Figueiredo. O assumpto é dos que particularmente interessam Portugal. Por isso publicamos na integra a communicacão do illustre membro do Instituto de França

Entre os quadros de primeira ordem, adquiridos, estes ultimos annos, pelo museu do Louvre, nenhum está envolvido em maior mysterio do que o conhecido pela designação de «O homem do copo de vinho» (L'homme au verre de vin), ignorando-se, por completo, a sua proveniencia.

Propriedade de um amator viennense, o conde de Wilczek, «O homem do copo de vinho», quando, em 1901, foi exposto, pela primeira vez, em Munich, como obra de um discipulo de Van Eyck, foi, logo, por Bode e Friedlander, attribuido a Fouquet, sendo, sob o nome d'este pintor, que foi exhibido, na Exposição dos Primitivos, de Paris, ao lado do «Carlos VII», de «O cavalleiro Estienne», da «Virgem d'Anvers», do retrato datado de 1456 da galeria Liechtenstein e d'um retrato (muito approximado, mas um pouco posterior) da collecção Heugel. Georges Hulin foi o primeiro a mostrar as differenças inconciliaveis entre os dois retratos das collecções Wilczek e Liechtenstein, ambos evidentemente da mesma mão, e o pequeno grupo das obras authenticas de Fouquet. E, apesar da resistencia de Bouchot e Lafenestre, este modo de ver radicou-se, achando-se exposto com bons argumentos no artigo publicado por Leprieur, por occasião da acquisição do retrato da collecção Wilczek pelo museu do Louvre. Leprieur hesita, entretanto, n'esse artigo, sobre a attribuição do retrato; e, assim, se lembra a possibilidade de ser devido a um pintor da escola de Amiens, cuja educação tivesse sido paralella á de Fouquet, ao descrever, alguns periodos mais abaixo, em seguida ao «Homem do copo de vinho», um painel da escola de Castilha adquirido pelo Louvre, por intervenção de Emile Bertaux, inicia da seguinte fórma as suas considerações sobre esta ultima pintura: «O quadro que, pela data e pelo estylo, se poderia approximiar mais d'«O homem do copo de vinho» é a amavel «Virgem rodeada de anjos», cuja reproducção acompanha este artigo»; palavras estas que permitem suppôr-se que Leprieur não andou longe da



O quadro do museu do Louvre: «O Homem do Copo de Vinho»

hypothese que eu agora venho submeter aos juizes competentes. A' historia da arte do seculo xv, em Portugal, reconstitue-se hoje, por assim dizer, á nossa vista. Sabe-se, ha muito, que João Van Eyck, pintor de Philippe, o «Bom», foi a Portugal em 1428, na embaixada que pediu a mão da infanta Isabel. Em 1420, João Van Eyck fez o retrato da princeza, que foi expedido para Bruges e, mais tarde, se perdeu. E o pintor só abandonou Portugal nos fins d'esse anno, tendo, provavelmente, trabalhado na côrte, e como quer que seja não deve esquecer-se que foi, em Lisboa, que, recentemente, foi encontrada a replica do «S. Francisco», de Turim, obra incontestavel de Van Eyck, que faz hoje parte da collecção Johnson, de Philadelphia. Comtudo, em 1908, Bertaux podia ainda escrever: «A estada de João Van Eyck em Portugal não despertou a arte local do seu somno. E' sómente, no periodo *manuelino*, que nós vemos constituir-se uma escola de pintura flamengo-portugueza que caminha na esteira dos mestres de Bruges e d'Anvers, do começo do seculo xv.»

Bertaux não podia tornar a escrever isto agora. Graças aos trabalhos de alguns



«Homem d'Armas» detalhe de uma das taboas de Nuno Gonçalves

eruditos portuguezes, entre os quaes cabe lo lugar de honra a José de Figueiredo, conhecem-se algumas obras authenticas d'um grande artista portuguez, Nuno Gonçalves, nomeado em 1450 pintor de D. Afonso V.¹ Um testemunho de um auctor do seculo xvi diz-nos que este pintor era o auctor dos paineis que, na cathedral de Lisboa, glorificavam S. Vicente.

Mais tarde, estes quadros passaram para o patriarchado de Lisboa, mal se dividindo sob as successivas camadas de vernizes e tintas que lhe foram successivamente applicadas. Recentemente restaurados com o maior escrupulo e pericia, pois não foram repintados, mas por assim dizer simplesmente limpos do que sacrilegamente lhe tinha sido ajuntado pela mão dos homens ou pela injuria do tempo, elles foram, sob o seu novo aspecto, photographados e publicados este anno por o sr. José de Figueiredo n'uma monographia especial,² sendo-o ainda na revista *Illustração Portugueza*, de 30 de maio ultimo.³

O estudo d'estas photographias leva-me a pensar que «O homem do copo de vinho» e o retrato da collecção Liechtenstein devem ser integrados, um e outro, na obra de Nuno Gonçalves.

Primeiramente, as datas harmonisam-se. O retrato de Paris não está datado, mas é evidentemente da mesma mão do de Vienna, datado de 1456. E, como vimos, Gonçalves foi nomeado pintor da côrte de Portugal em 1450, devendo os seus paineis de S. Vicente ter sido feitos, na opinião de José de Figueiredo, entre 1459 e 1464; depois, ha a analogia geral do estylo.

¹ Documento reproduzido, em «fac-simile», no livro de José de Figueiredo «O pintor Nuno Gonçalves, est. da pag. 72.

² José de Figueiredo: «Arte Portugueza Primitiva, O pintor Nuno Gonçalves», Lisboa, 1910, com 21 estampas. Uma edição franceza d'este livro deve publicar-se em Bruxellas, em 1911.

³ A primeira publicação photographica deve-se ao sr. Herbert Cook «Burlington Magazine», julho 1909, pag. 232. O sr. Cook considerou, muito justamente, estas obras como productos d'uma escola indigena.



O infante D. Henrique (detalhe de uma das pinturas de Nuno Gonçalves, pertencentes ao patriarcho de Lisboa)

A escola portugueza primitiva deriva de Van Eyck, de Bouts¹ e da escola franceza, e estas influencias são muito sensiveis nos quadros do patriarcho de Lisboa. E são-n'o tambem, e em um tão alto grau, nos retratos de Vienna e Paris que, até agora, tem-se sempre hesitado, quando se trata da attribuição d'estas duas ultimas

¹ Comparem-se as cabeças dos velhos retratados por Nuno Gonçalves ás analogas de Bouts, nos dois grandes quadros da «Justiça de Othon», do musen de Bruxellas.

obras, entre Van Eyck e Fouquet, isto é, entre a escola flamenga e a franceza. Quando Hulin mostrou que os dois retratos de Vienna e Paris não eram de Fouquet, insistiu sobre o desenho das mãos, inteiramente diferente do das mãos de Fouquet, e ainda sobre a maneira como eram representadas as unhas. Nos dois retratos em questão, as mãos são ossudas, os dedos um pouco afastados, as unhas cortadas rentes. E estes mesmos caracteres, raros e singulares, encontram-se nas pinturas de Lisboa.

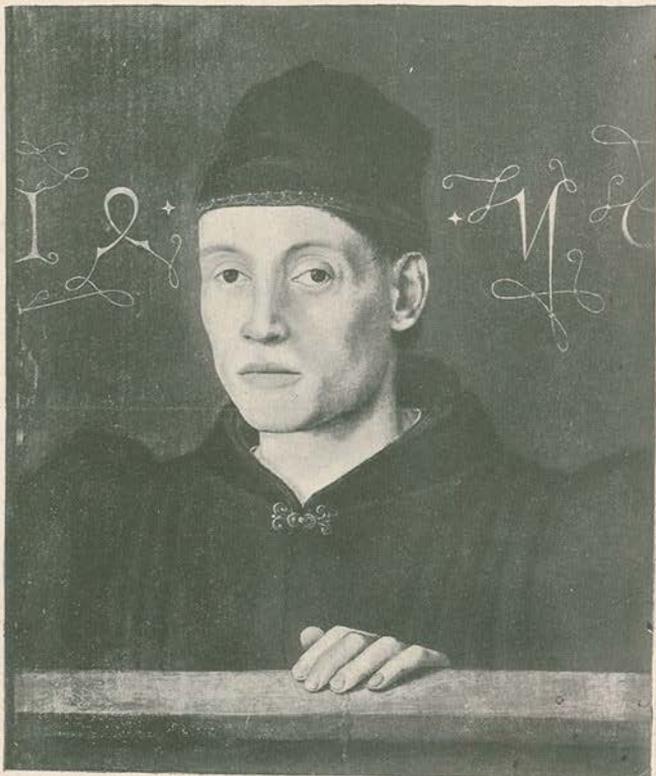
Outros caracteres não menos frisantes dos dois retratos de Vienna e Paris, são: 1.º as rugas sobre a fronte; 2.º a separação muito nítida da máscara e pescoço, marcada por um relevo muito accusado do maxillar; 3.º a fôrma accentuada do labio inferior, que é carnudo e sensual. O exame das cabeças dos quadros de Lisboa, e, em especial, das do infante D. Henrique est. da pag. 16),¹ de D. Affonso V (est. da pag. 56) e de um homem de armadura, (est. da pag. 76), e a sua comparação com as do Louvre e da collecção Liechtenstein, estabelecem, na minha opinião, com uma certa verosimilhança, que umas e outras são obra d'um mesmo artista.²

E assim este pintor eminente, ainda hontem quasi desconhecido, apesar dos elogios que lhe faz Francisco de Hollanda, tem que ser incluído, desde hoje, entre o numero d'aquelles cujas obras authenticas deverão ter-se em conta quando se tratar d'attribuir os quadros e, em especial, os retratos, ácerca dos quaes a critica hesita entre a escola de Van Eyck e a da Touraine. E o magnifico retrato do Louvre, para cuja attribuição tantas hesitações tem havido entre estas duas escolas, pode ser considerado, se eu não me engano, como uma das raras obras-primas da escola portugueza, cerca de 1640.

SALOMON REINACH.

¹ José de Figueiredo «O pintor Nuno Gonçalves.

² Não pode esquecer-se que o retrato do Louvre está intacto, conservando todo o seu «enveloppe», enquanto que o retrato Liechtenstein foi ligeiramente limpo, tendo-o sido ainda muito mais as cabeças dos painéis de Lisboa; é esta a explicação do aspecto um pouco secco d'estas ultimas. De resto, a semelhança torna-se mais frisante quando, depois do exame d'ellas, se olha o retrato Liechtenstein.

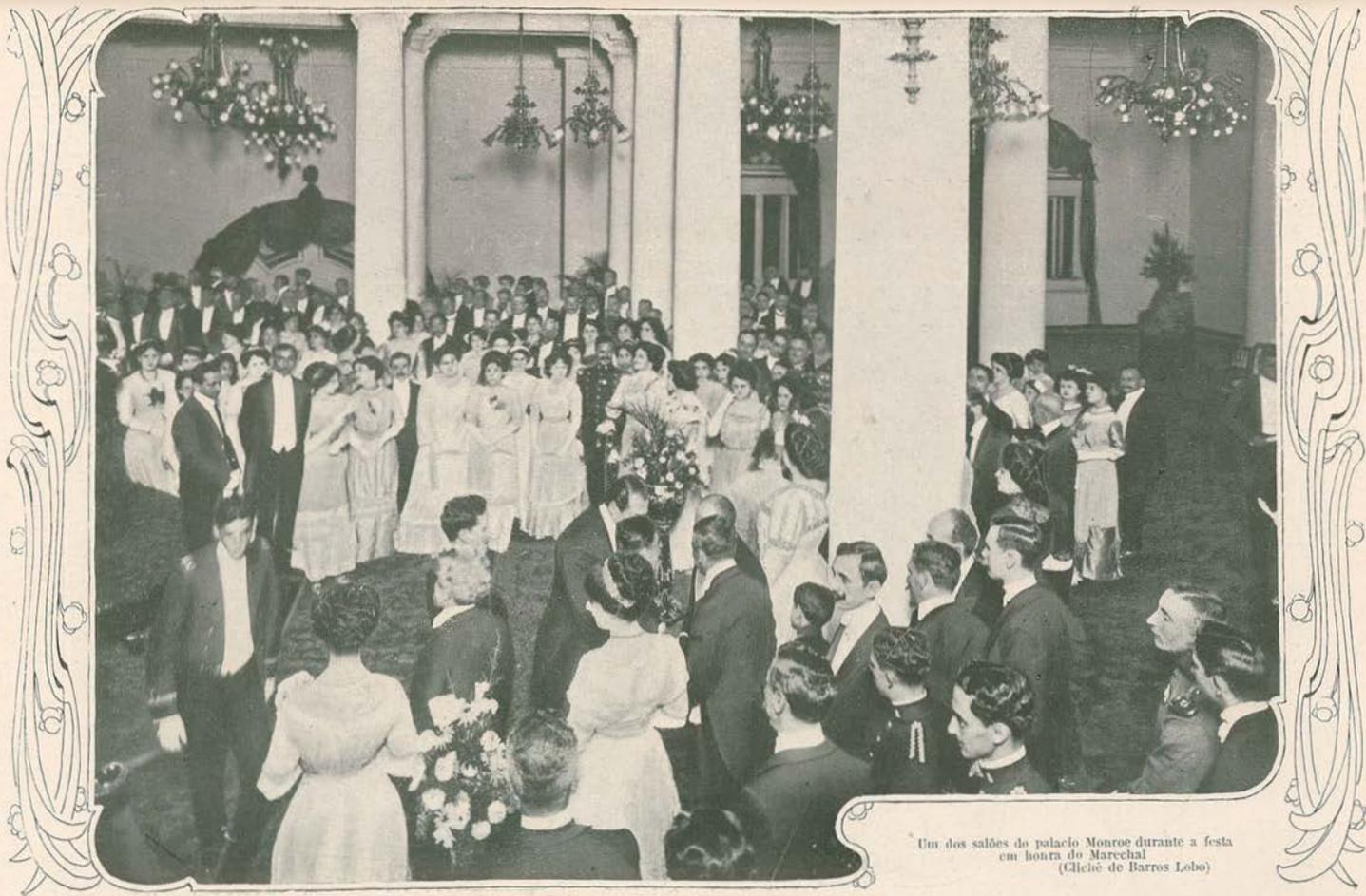


Retrato de 1456. (Galeria Liechtenstein de Vienna)

A posse do Marechal Hermes da Fonseca da presidencia da Republica Brasileira



- 1—A sessão solenne do Club Militar em honra do Marechal
- 2—Um aspecto da festa do Club Naval em honra das embaixadas estrangeiras
- 3—A recepção ao Marechal no palacio de Monroe



Um dos salões do palácio Monroe durante a festa
em honra do Marchal
(Clélie de Barros Lobo)

INAUGURAÇÃO DO LYCEU PASSOS MANUEL

Os antigos lyceus, installados em predios de aluguer, não tinham condições para n'elles se ministrar o ensino. Faltava-lhes a hygiene, a claridade, o aspecto, tudo isso que influe na disposição para



1—Os professores srs. J. Pereira da Silva e Arsenio Mascarenhas, reitor do lyceu sr. Alberto F. Vidal, engenheiros Severiano Monteiro e Velga da Cunha, sr. A. José de Carvalho, secretario.

o estudo e tornava-os indignos de uma cidade que se modernisa, de um paiz que se instrue.

Sentindo-se a grande necessidade de escolas amplas, apropriadas aos systemas pedagogicos da actualidade, construíram-se os lyceus Camões e Passos Manuel, que são verdadeiramente modelares, tendo-se realisado a inauguração do ultimo em 26 de dezembro, deante do seu reitor e professores e começando a funcionar amanhã as aulas.

2—A entrada principal 3—A fachada principal 4—O grande pátio central—(Clichés de Benolle)

OS QUE SE MANIFESTAM A FAVOR DA LEI DO INQUILINATO



A lei do inquilinato foi recebida em todo o paiz por uma fôrma verdadeiramente entusiastica, que se marcou em manifestações d'applauso ao seu auctor.

Em 26 de dezembro a Associação dos Lojistas deliberou enviar ao sr. dr. Afonso Costa uma mensagem de louvor por aquella iniciativa indo os corpos gerentes acompanhados por muitos socios, fazer-lhe a entrega do honroso documento onde se celebra toda a utilidade d'essa lei para as classes trabalhadoras



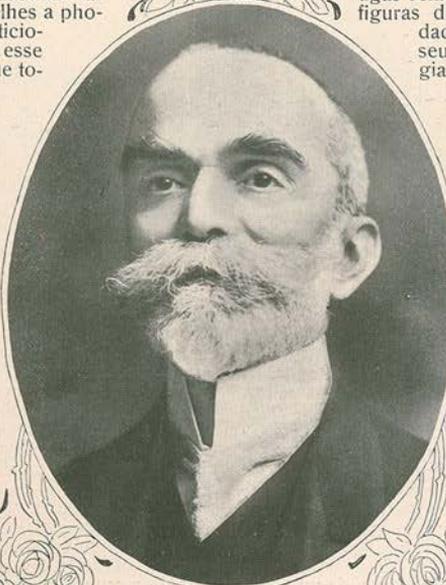
1—A reunião da Associação dos Lojistas
2—A associação a caminho do Ministerio da Justiça—(Clichés de Bonollel)

O Ministro dos Estrangeiros da Republica



Era da tradição na imprensa portugueza mal um cadeiras do poder, inserir-lhes a photographia nos jornaes noticiosos e fazer acompanhar esse cliché com o artigo em que todas as qualidades—e algumas d'ellas ausentes no escorço intellectual do estadista—eram postas em relevo, para assim a multidão, se relacionar com os que iam conduzi-la, oriental-a e governal-a. Mas as velhas instituições derruíram, d'ahi, dado o caso de ter sido o povo quem elegeu os seus ministros—os ministros do Governo Provisorio—a quasi absoluta desnecessidade de lh'os apresentar nos seus variados e multiplos aspectos, nos seus talentos, aptidões e caracteres. Os governantes de agora teem os seus perfis divulgados não apenas nas folhas noticiosas dos jornaes, mas por todos os

lars; humildes. São alguma coisa mais do que antigas relações politicas, são como que figuras de intimidade e de familiaridade. No regimen sepulto, os seus estadistas nasciam, surgiam e improvisavam-se á mercê das combinações auxiliares, ao passo que no regimen nascente os seus ministros teem todos elles e cada um d'elles, uma longa, uma persistente e tenaz historia de exaltada fé patriótica, de rudes e intransigentes combates—prodigiosa historia de energia moral e intellectual. Todos elles e cada um d'elles é algum. Tem personalidade, tem vontade e tem grandeza civica. E tanto o facto é verdadeiro que, ao traçar-se o perfil de qualquer d'esses homens, chronista e leitor pretendem apenas evocar, recordar, ou desvendar o pormenor intimo, o aspecto inedito, tudo o que possa dar ao perfil tan-



1—O ministro dos estrangeiros no seu gabinete de trabalho
2—O ultimo retrato do sr. dr. Bernardino Machado (Cliché Vasques)

tas e tantas vezes reconhecido um novo fulgor e uma nova irradiação. O que se exige, o que se pede não é a biographia na sua inexpressiva e hirta enumeração de factos, e de datas; exige-se o dialogo surpreendido n'um momento de affabilidade mais cordeal e de intimidade mais discreta; exige-se antes a historia anecdotica e pittoresca; o dito, o commentario, o sorriso, tudo o que tem um caracter mais mysteriosamente attrahente e que só os da intimidade pôdem surpreender tal-

dino Machado reentra de novo, um pouco, na vida, adormecida do exterior, e que reconhece o longo dia e a longa noite decorridos n'um permanente trabalho, incessante e infundavel quasi.
— Já são quatro da madrugada?
— Fal'tam dez minutos—elucida Jayme Batalha Re's com malicia.
E' pois, habitualmente, quasi ao romper d'alva, que o ministro dos negocios estrangeiros do Governo Provisorio da Republica sahe do seu ministerio,



Uma familia patriarcal—(Glebé do sr. M. Santos, Coimbra)

vez e fixar. E assim, ao ter de traçar o perfil do dr. Bernardino Machado, ministro dos estrangeiros da Republica, eu não irei mergulhar no labyrintho das velhas funções officiaes, nem chronologicamente recordar-lhe os periodos das nomeações e exercicio. A figura, para mim, desenha-se com mais vigor, com maior relevo e colorido quando associo impressões e as reuno um pouco á mercê da memoria de subito excitada.

—Que horas são?
—Quatro menos dez, da manhã!
—Quatro, já?.. Vamos embora.
E é então que o dr Bernar-

depos de definitivamente resolvidos os variados e multiplos assumptos, complexos muitos d'elles, que reclamavam a sua opinião urgente ou a sua sanção. Assim, a resistencia physica do estadista é admiravel—dirão—e, á interrogação surpresa o dr. Bernardino Machado voltará, como ha dias n'um jantar intimo, a responder-lhes:

—Quando era creança tive por varias vezes a vida em risco Os medicos julgaram-me um condemnado precoce, mas a verdade é que fui tornando-me homem e o meu organismo foi successivamente tambem ganhando novas energias. Hoje, que tenho 59 annos, sinto-me vigoroso-

so e resistente como nunca.

Caminho para a immortalidade, não ha que ver.

Estes são os factos que provam a sua resistencia physica, excepcional; quanto á resistencia moral do seu character basta recordar alguns episodios da sua vida, a quando gerira a pasta das obras publicas no gabinete da presidencia de Hintze Ribeiro. E' o proprio dr Bernardino Machado quem nol-o recorda:

—Que dia aque'le em que Pedro

porque fica sendo meu hospede..

E' assim a linha moral da sua figura integra, sem uma solução de continuidade, sem quebra na sua vontade preponderante, sem um resvalo, um desvio sequer. E' uma figura inteira, limpa e extrema, nada deixando ás casualidades felizes da vida e, antes pelo contrario, indifferente ás circumstancias, conseguindo, como o requeria o philosopho exigente, que essa vida seja, pela sua



O dr. Bernardino Machado na sua aula de anthropologia na Universidade de Coimbra (Cllicho de sr. J. Gonçalves)

Victor, depois de repetidas instancias pelos adiantamentos de seis contos de réis mensaes á casa real, me apostrophou increpadoramente:—Ou se é monarchico ou não se é! ao que oppuz simplesmente:—Então não se é—e em que Hintze Ribeiro, arrastado por Pedro Victor, chegou no seu excessivo monarchismo, elle, tão primoroso sempre para com os seus collegas, a dirigir-me como que um *ultimatum* este appello á minha amizade:—Não saio d'aqui, sem v. me dizer que sim! apeilo a que acudi pressurosamente, no tom affectivo que lhe devia:—Nunca v. me disse nada mais agradável,

pureza, pela belleza e pela integridade, uma perfeita obra d'arte. N'elle, nada ha que destoe ou que surja como artificial e aparente. A expressão de affabilidade risonha dos seus olhos, a voz suave que aconselha e o gesto caricioso que protege, são os reflexos externos de sua ternura, de sua bondade que, a dentro das portas sagradas do seu lar, explende, irradia e encanta como um hymno, com uma tão exaltada e perfumada belleza que toda a confiança é benção e toda a amizade devoção. Não saberemos referir, acompanhando o dr. Bernardino Machado atravez de um seu longo dia

de trabalho, trabalho que se inicia ás 8 da manhã e termina ás 4 da madrugada, a que mysteriosas e ferteis origens de energia intellectual, elle vae buscar a visão instantanea mais profunda dos assumptos, dos casos, dos episodios, que resolve, compulsa e sanciona, dando alento a todos os desanimos e principalmente conseguindo, para a prompta resolução dos problemas, uma activa e nobilitadora attitude para o estado. A esta actividade constante e febril deve juntar-se ainda a compacta multidão que elle recebe, encoraja e attende—todos os humildes, todos os pedintes, todos os andrajosos—e para cada um dos quaes tem sempre uma palavra magica de esperanza, uma caricia a prodigalisar, uma esmola tantas e tantas vezes. Mas, no tumulto dos afazeres, dos estudos e das resoluções, a sua memoria prodigiosa conserva, guarda e ordena todas as reclamações, todas as petições, o mais frivolo a sumpto Referir-lhe, fugidamente que seja, um caso, é ter a certeza que, se elle fór de justiça, Bernardino Machado não mais o esquece, e quando menos se espera, quando dir-se hia o assumpto relegado para o plano das cousas inuteis, eil-o que resurge com todo o palpitante, vivido e enternecido interesse de uma reparação. Mas é preciso confiar tambem na sua accção carinhosa, se bem que o estadista illustre que elle é não tenha nunca, nem no seu coração, nem sobre os labios, a colera ameaçadora, nem sequer o desdem indifferente. Toda a sua desforra se exprime jovialmente n'uma phrase—de ironia suave ou de malicia candida. E assim, aquella sua replica a um pretendente ousado que o procurava a toda a hora para lhe suggerir com a repetida presença a pretensão:

—Meu caro amigo, tenho um grande prazer em vê-lo, e, maior do que elle, só a sua impaciencia creia-me.

De outra vez fôra o caso que como um orador ardente de comícios e propagandista sincero de avançados ideaes insistisse, n'uma sessão solemne de centro operario, já proclamada a Republica, que o ministro dos estrangeiros sancionasse as suas aspirações theoreticamente poeticas mas praticamente subversivas, o dr. Bernardino Machado replicou:

—Quando ouço pessoas de uma tão emotiva sinceridade defenderem taes idéas, dá-me vontade de abraçar. . . não as idéas, mas o orador.

Era o diplomata que falava.

Nove horas da manhã. Alguem chama nervosamente ao telephone E, como tenha recolhido hã escassas cinco horas apenas, do ministerio a casa, o clamor



matinal d'aquelle timbre quasi me enche de revolta inquietação. Mas o sobresalto breve se esvae, porque o dialogo a travar é curto e imperativo—o dr Bernardino Machado, ha muito desperto, espera o secretario para as *démarches* primeiras do novo, productivo dia de trabalho incessante...



1—O sr. dr. Bernardino Machado á saída de sua casa
(Cliché de Benollet)

2—O ministro dos estrangeiros com o presidente do governo provisório

COMO SE SUFFOCA UMA

REVOLTA

A INSUBORDINAÇÃO
DA ESQUADRA BRAZILEIRA

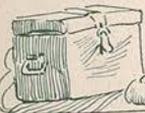
(Conclusão)

Entretanto sabia-se em terra toda a intensidade do movimento, contava-se que o comandante do «Minas Geraes», capitão de mar e guerra Baptista das Neves, fôra morto quando pretendera resistir á guarnição, os outros officiaes tinham partido para os caes em barcos alvejados a tiro e agora, levados os machinistas a trabalhar, os navios na sua linha de combate, mostravam-se como um tremendo perigo.

De largo, do mar, chegava o ruido formidavel da artilharia; depois ouvia-se um canhoneio mais forte e tudo recalhava no silencio. Em terra as tropas escalonadas para suffocarem

a revolta aguardavam ordens. Para que fôra aquelle tirotoio a causar tanto panico aos fluminenses?!

O cruzador «Barroso» e o caça-torpedeiros «Tymbira» quizeram dominar os revoltosos mas a artilharia poderosa do «Minas Geraes» obrigara-os a calar o tirotoio. Agora eram bem os barcos revoltosos os senhores das aguas, a ameaça para a cidade, os dictadores, com os seus canhões assestados, as suas baterias fornecidas, as suas machinas promptas a todas as obediencias. Ouviram-se novos tiros; houve novos receios. A esquadra insurrecta bombardeava os fortes de Santa Luzia e Villegaignon; as balas alcançavam os pare-



1—Uma peça collocada em frente do palacio de Catete
2—No mosteiro de S. Bento: o geral com alguns religiosos e officiaes dos regimentos que guardaram o edificio



dões das fortalezas cujas baterias ficavam silenciosas mostrando que não hostilizariam os excellentes navios.

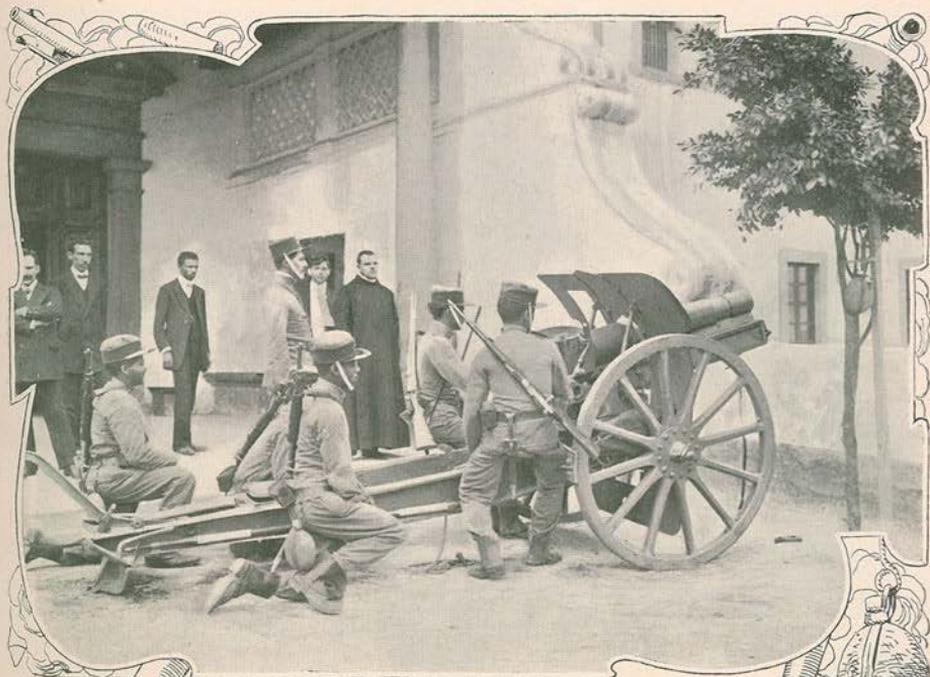
Em terra, pelo littoral, nos edificios publicos tudo estava a postos para a eventualidade d'um desembarque que se seguiria ao bombardeio. Mas certamente os marinheiros não iam aniquillar a

magnifica cidade sem formularem as suas reclamações, após os primeiros tiros que já tinham causado victimas.

Com effeito o presidente da republica recebera um radiotelegramma em que a marinhagem se confessava arrependida do seu acto e sol-



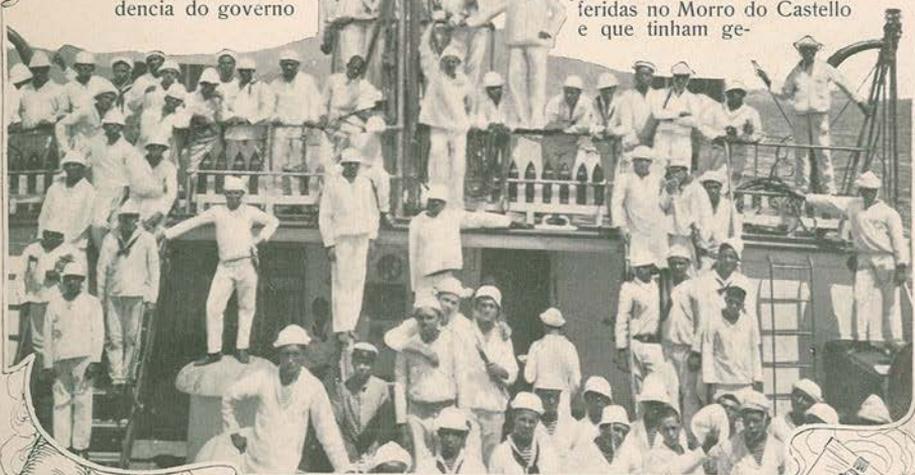
1—No Morro da Saude 2—Aspecto da marinhagem revoltada a bordo do «São Paulo»



licitava a amnistia além da abolição dos castigos corporaes, augmento de soldo e pedindo para lhe enviarem um parlamentar.

Tinham querido impôr-se pelo terror, reflectiam agora na sua audacia, ante a imprudencia do governo

ao calar os seus fortes e ao guarnecer a cidade com as suas tropas disciplinadas. Ir por deante seria a guerra civil. Pactuaram. Levadas ao parlamento as reclamações dos revoltosos houve um enorme debate para lhes ser concedida a amnistia. Os seus outros pedidos nem se discutiram ao evocarem-se as cem mortes causadas pelas suas balas, as creancinhas feridas no Morro do Castello e que tinham ge-



1— Um obuz com a sua guarnição em frente do mosteiro de S. Bento
2— A bordo do «Scout Bahia»: Um aspecto da marinhagem rebelde

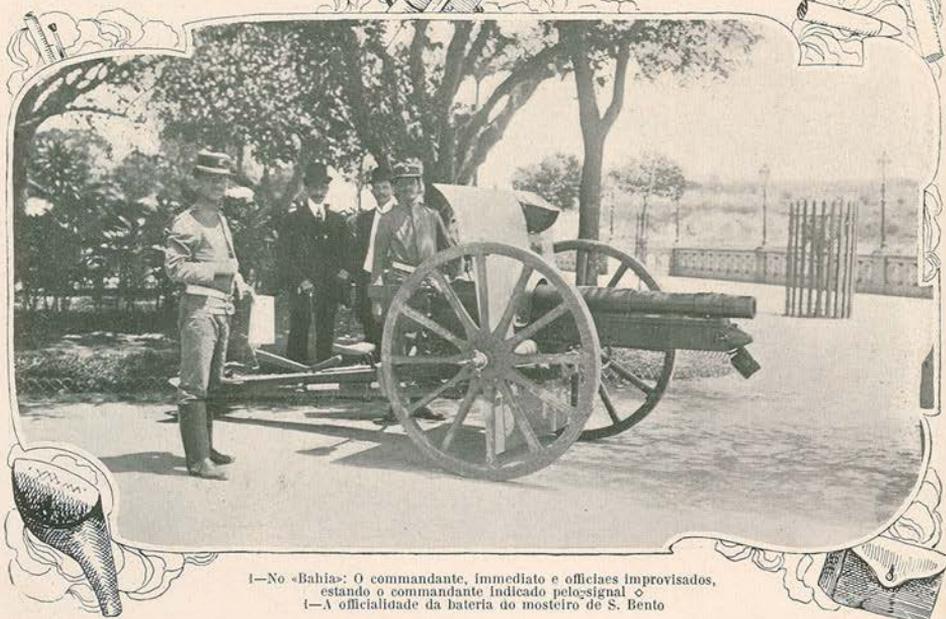


rado a piedade de toda a gente.

Já partira para bordo o parlamentar, deputado José Carlos de Carvalho, a quem os revoltosos asseguraram que se rendiriam se lhes concedessem a amnistia sus-

pendendo desde aquelle momento as hostilidades, o que fizeram enquanto aguardaram as decisões da Camara onde a discussão continuava violenta; já aberta em conflictos pessoais.

Por fim a amnistia foi dec. eta-



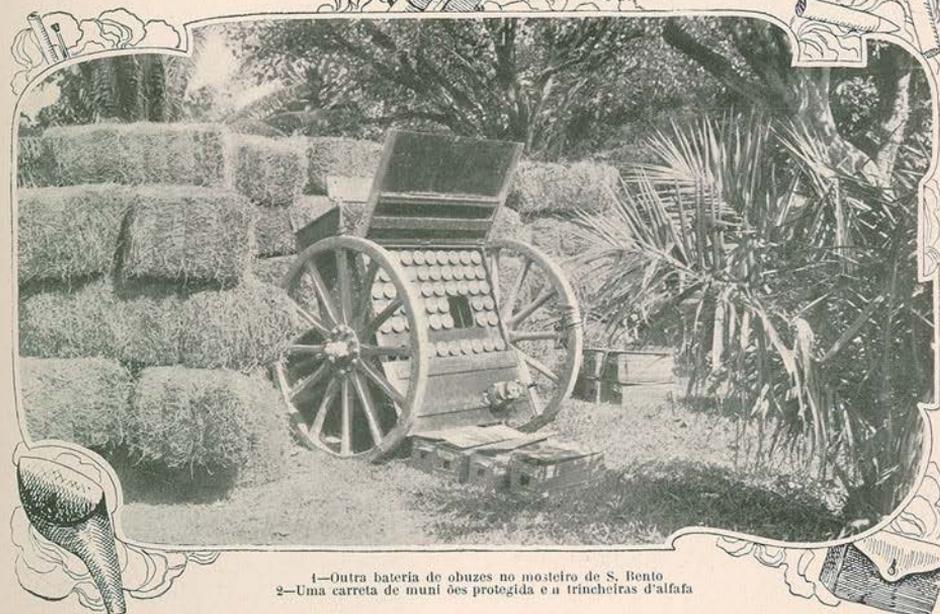
1—No «Bahia»: O commandante, immediato e officaes improvisados, estando o commandante indicado pelo-signal ◊
 1—A officialidade da bateria do mosteiro de S. Bento



da. As bandeiras vermelhas da revolta desceram dos mastros; novamente se ouviu a artilharia mas d'esta vez n'uma soada alegre de saudações á bandeira nacional que se arvorava em toda a esquadra

rebelde agora submettida, collocada á sombra d'aquelle pavilhão

Houve uma grande alegria na cidade ante a noticia de que as guarnições rebeldes se submeteram, os novos officiaes entraram nos navios sendo



1—Outra bateria de obuzes no mosteiro de S. Bento
2—Uma carreta de munições protegida e a trincheiras d'alfafa



O imediato e os officiaes improvisados do «São Paulo» estao ao primeiro indicado pelo signal ◊

recebidos com as continências militares do estylo. Dentro em pouco os chefes da revolta eram presos, os marinheiros obrigados a abandonar os navios e a seguirem para as suas terras, sendo excluidos do serviço militar, soffrendo esse unico castigo, tendo re-

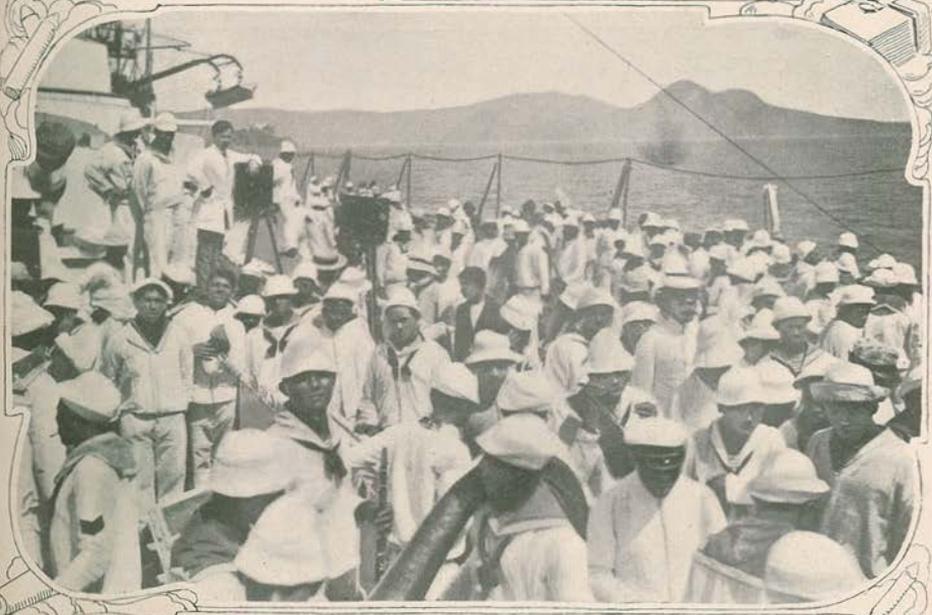


Outro aspecto dos canhões collocados no caes Pharoux

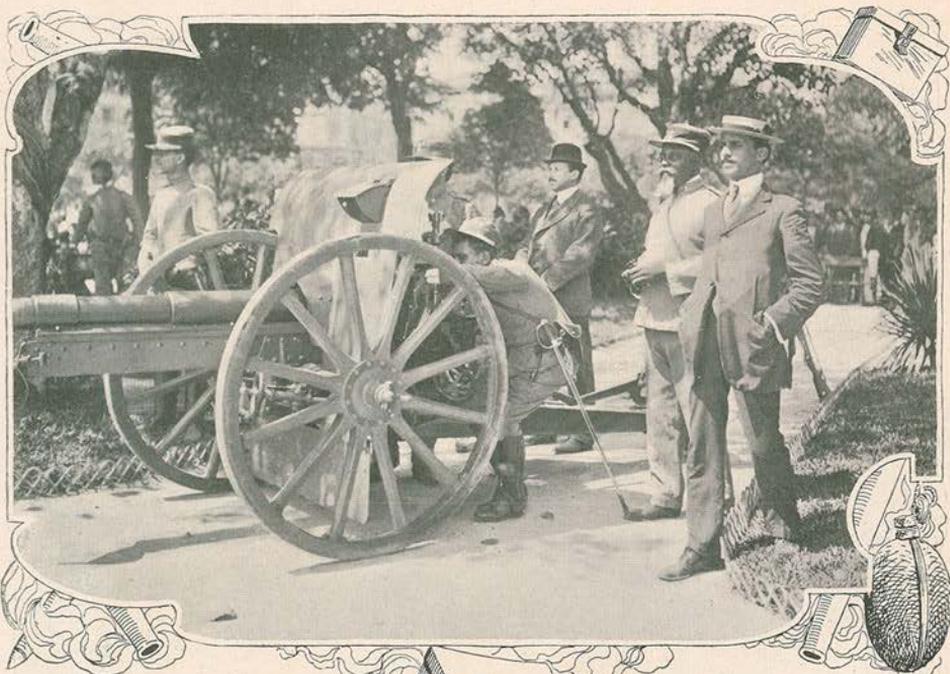


1—O menor Ernani ferido pelas
balas dos revoltosos

© Zorrillo



2—Um aspecto da tripulação revoltada
no «Minas Geraes»
3—A menor Ricardina, que foi atingida pelas balas
dos revoltosos em tratamento no hospital.



Bateria d'obuzes colloca-

da no caes Pharoux

cebido o perdão das suas culpas mas não podendo continuar mais na marinha d'esse paiz em cuja bandeira

existe o lemna de Ordem perturbada pela sua revolta que tanto sobresaltou o Rio de Janeiro.



Transporte d'officiaes feridos para o Hospital da Misericórdia
(Gliches do sr. A. Barros Lobo)